

ARTE E PSICOLOGIA

Clara Rossana Ferraro de Sá

SINOPSE

Em busca de uma relação de Alteridade entre o feminino e o masculino, a fundamentação arquetípica em ZEUS-ATENA, MÉTIS e a possibilidade de gerar um filho homem, que governe com sabedoria e substitua ZEUS, podem nos auxiliar na reflexão sobre novos padrões de ordem que integrem os valores femininos. O duplo do Herói Solar, seu complemento, o Herói Lunar, pode ser integrado. É preciso perceber que se pensa e age com esta consciência antitética patriarcal, mas que é possível olhar de outras formas e que se deve incluir a experiência orgânica num corpo inter-sensorial, num organismo vivo que compõe a unidade e a multiplicidade dos sentidos.

Integração;

Arquétipo;

Deuses;

Herói-solar;

Herói-lunar;

Alteridade.

Há décadas, existe a preparação para este terceiro milênio. Seja pela via da ciência e tecnologia, seja pela via espiritual, existe um movimento geral para a compreensão da complexidade do ser humano.

Como divulgado na imprensa, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) realiza um vasto trabalho de compilação do conhecimento global com base no meio ambiente e no desenvolvimento sustentável. Programas científicos globais procuram soluções para preservar os recursos naturais tanto dos oceanos, quanto da biosfera, e as geociências ocupam-se da nova Sociedade do Conhecimento. A intenção é unir conhecimento, bases em educação, pesquisa e visão de futuro. O fato mobilizador desta urgência de transformar competição em cooperação e colaboração, do qual se deveria estar consciente, está visível para todos: o ser humano extrapolou seus limites de crescimento! É necessário, pois, desmaterializar a economia, reduzir o consumo de recursos naturais e matérias primas.

Da reflexão para a prática, a consciência de cada um confronta-o com o consumidor em si mesmo, aquele que devora o seu lado cidadão e suas necessidades de viver numa sociedade mais justa e mais humana. Para contê-lo e transformá-lo, é preciso compreendê-lo, retirá-lo de um plano autônomo e fazê-lo objeto de pesquisa, torná-lo psíquico.

A urgência em frear o competidor em cada um requer uma reflexão sobre a voracidade e a compulsão, sobre o buraco negro que se alimenta de toda a matéria que carrega em si a promessa de um ser vencedor, único e superior. Preso ao ímpeto de controlar o ambiente em que vive, para obter poder, o ser humano quer ser deus e cai na armadilha da sedução, no perigo da vaidade.

Na ânsia pela excelência, pelo espírito competitivo, alimenta a comparação geradora de inveja e outros sentimentos negativos que vão sendo potencializados para criar a tensão necessária para a disputa. Surge uma compulsão para eliminar o outro competidor; para vencê-lo, o alimento usado é a raiva. Vê-se o furor repetitivo da mania, o arrebatamento que arranca, desestabiliza, irrompe em insaciabilidade e amorosidade rebelde, envenenada, poluída. É o ódio correndo nas veias, atomizando a estrutura, social e individual, num padrão esquizofrenizante.

Essa engrenagem banaliza o humano, devorando-o. A potencialização da raiva transforma-se em Ira. Aberta ou velada e dissimulada, a dinâmica passivo-agressiva é estabelecida. Predador ou vítima? Devorar ou ser devorado? Onipotência e impotência alimentam o ciclo de voracidade.

Recentemente, aparece o confronto com as imagens da dessacralização do Tibet pelo o exército Chinês. Violência e abuso trazem a animalidade que exige submissão. O poder das potências econômicas e sua competitividade mantêm o materialismo em alturas vertiginosas.

O tirano, ditador dos padrões aos quais o consumidor deve se escravizar para fazer girar a economia, exhibe-se em todo o seu esplendor!

O alimento espiritual que a tudo preenche é banido, e um grande vazio existencial é estabelecido na forma de compulsão pelo Ter.

Essa compulsão cava o buraco afetivo que converte o amor em cifras monetárias. O amor torna-se exigente; torna-se um simples reflexo da insaciabilidade do ser humano devorado pela sociedade de consumo, em que o único bem é o *capital*.

No campo da Psicologia Analítica, Jung mapeou o território psico-espiritual. Assumiu a tarefa de tirar do campo do Outro, do Inconsciente Pessoal e do Inconsciente Coletivo, o campo do Individual.

Jung avaliou a necessidade de transformação religiosa e cultural, trazendo autoridade espiritual para a experiência individual.

O caminho para dominar as compulsões e tornar-se íntegro, consciente do seu próprio lado sombrio, exige a *desidentificação* com a Psique Objetiva – a fonte arquetípica, o campo mítico da existência. Nele, as experiências da humanidade formam um grande teatro com seus personagens e suas histórias. Ao trazê-las para a consciência e reencená-las, despotencializa-se sua força arrebatadora inconsciente e adquire-se o verdadeiro conhecimento individual.

Nos últimos cem anos, o caminho da individualidade vem sendo percorrido e valorizado como a possibilidade de gerar soluções criativas. Movidos pelo desejo de aperfeiçoamento, os seres integram e humanizam sua própria existência.

Nietzsche, em seu livro *A Origem da Tragédia* (2005), traz a sabedoria trágica dos gregos para sua época. Mostra um modo de ver a vida nua e crua, na qual existe a celebração da vida como uma afirmação contrária à cultura metafísica-cristã-platônica, que é uma negação.

O autor faz uma crítica profunda a Sócrates, considerado um sedutor que tiranizou a Grécia pelo uso exacerbado da razão;

conforme Socrates, o racionalismo fincava raízes e o ser humano perdia a graciosidade do seu todo corporal.

Atualmente, a tarefa de *desidentificação* requer a consciência da unilateralidade do arquétipo da luz, o Regime Diurno da imagem que impulsiona o Herói Solar em luta pela ascense espiritual, este imperativo dinâmico que marca a trajetória do Ocidente. Luz é vida, e o Herói Solar, a nível inconsciente, está preso à morte. Para vencê-la entra em Hybris, excede seus limites humanos e é possuído pela mania, pela loucura *determinista*.

No excesso, tem-se um *complexo de deus*, gerador de monstros que devoram os jovens em sacrifício e desvalorizam todas as formas de sensibilidade. O duplo do Herói Solar, seu complemento, o Herói Lunar, torna-se escravo e esgota-se na servidão.

É preciso perceber que se pensa e age com esta consciência antitética patriarcal, mas que é possível olhar de outras formas e que se deve incluir a experiência orgânica num corpo inter-sensorial, num organismo vivo que compõe a unidade e a multiplicidade dos sentidos.

Admitir que o Racional tem origem no Irracional é um golpe no orgulho egoico construído tão arduamente através de sangrentos desafios. A resistência à nova forma de consciência é inevitável; além, é claro, do medo do desconhecido, presença constante da neofobia a ser vencida pelos desbravadores, aqueles que se arriscam na escuridão.

Nos esforços para compreender a complexidade do ser humano, Gilbert Durand (2002) traça os caminhos das estruturas antropológicas do Imaginário. Compreender o imaginário e suas diversas tramas objetiva e mapeia as relações com o inconsciente.

Esse autor aborda o ser humano, sua angústia diante da mudança e seu movimento de adaptação e assimilação, como primeira experiência do Tempo, a qual aciona o arquétipo do Imaginário. Diante do *negro* – a abstração espontânea das trevas, constrói-se o primeiro símbolo do Tempo. O Tempo é negro porque é irracional, não tem piedade, é bestial. Ele é a morte devoradora, a boca aberta do abismo, a mutilação e os desastres da guerra personificados por *Cronos-Tanatos*.

Por meio de um processo de eufemização (amenização) da morte, foi sendo retirada sua potência arquetípica tenebrosa, passando por imagens que vão desde animais que representam devoramento, aprisionamento ou movimento incessante, como todas as espécies de insetos, até o jacaré com sua boca de “mil dentes” e a aranha com seu fio que prende, liga, enlaça.

Uma misoginia da Imaginação conduz a uma feminização, agrupando imagens que interligam o tempo negro com as águas, as enchentes, o dilúvio e o tema do afogamento com o ciclo lunar e a feminilidade. Segundo Durand, “o que constitui a irremediável feminilidade da água é que a liquidez é o próprio elemento dos fluxos menstruais” (2002:101), e o fluxo menstrual torna-se o arquétipo do elemento aquático e nefasto.

Mircea Eliade (1992:104) afirma que “é graças à Lua e às lunações que se mede o tempo”.

Talvez seja possível a harmonização com o tempo se o ser humano olhar para o seu buraco negro, se compreender seu pânico diante da morte.

O conhecimento da Física Quântica destitui o poder do Tempo Absoluto e traz a subjetividade da experiência com o Tempo. A linearidade do Tempo faz a Curva, volta às origens.

Em defesa da integridade interior frente à terrível iluminação do arquétipo da Luz e seu distanciamento abstrato, apresenta-se a metáfora do círculo – formas circulares que conduzem a um misterioso centro guardado na intimidade do Ser. O espaço curvo, fechado, sacraliza e protege a intimidade, forma um labirinto iniciático, no qual o imaginário da queda transforma-se em descida protegida, segura, em busca da estabilidade enraizada nas origens, na continuidade da vida, na dinâmica cíclica e em sua sabedoria regeneradora, integradora dos ciclos destrutivos e criativos, geradora de unidade. É a unidade espiritual no aqui e agora da existência terrena.

O corpo do mundo está dentro de cada um. É necessário preencher o vazio com o alimento do Amor, a força que impulsiona para a unidade.

Atualmente, na permissão mítica, vê-se novamente Ananke, a necessidade, exigindo conhecimento. Ela quer a reconstrução da intimidade individual; a ordem dela é descer, integrar o Herói Lunar e seus conhecimentos rítmicos. Ela exige percorrer o corpo e sentir, perceber e recuperar a consciência animal, na qual Pã – o deus do Tudo, da natureza em sua forma politeísta – informa que o mundo está dentro de cada um. Ele acalanta, com sua flauta mágica, a Psique temerosa em busca de amor, acompanhando o feminino ativo em busca do encontro, da unidade interior, da morada do prazer e da beleza do Ser Íntegro.

Através de uma remitologização, um retorno à fonte arquetípica das experiências da humanidade, encontra-se o poder do Mito, o qual pode provocar o salto quântico e transportar a todos para a consciência de alteridade.

Para que o Amor possa ser um princípio ativo na Psique, é preciso retornar à mãe sábia que preserva e renova os laços afetivos e permite aos filhos a expressão da diversidade de afetos, e não só da agressividade combativa do pai. Esse pai não permite o nascimento do filho amoroso e engendra, nos moldes de seu poder, a filha guerreira.

É necessário rever o arquétipo de Zeus e seu poder instituído; ele não quer ser destronado, não quer um poder maior do que o seu e, na simples possibilidade de ser pai de um menino, decide engolir, devorar Métis grávida de Atena. Assim, garante sua soberania.

Métis-Sophia é a prudência, a sabedoria espiritual feminina que vincula e sustenta todas as formas terrenas de vida, interligando-as com o conhecimento sem palavras, trazendo medida para as forças arrebatadoras de luz.

O pai Zeus anula, desvaloriza e despreza a mãe, substituindo-a pela filha obediente, a filha do herói de luz, estrategista onipotente, capaz de defender os valores masculinos com perfeição; porém, interiormente, ao retirar a armadura guerreira, reconhece sua profunda dívida com o verdadeiro feminino da entrega no Amor. Ela despreza a condição de mãe doadora de vida, desconhece a intimidade regeneradora.

Zeus, Atena, Métis e a possibilidade de gerar um novo masculino formam a constelação arquetípica da Alteridade, a nova consciência conciliadora de opostos,

cuja essência é a transformação da competitividade combativa em cooperação produtiva.

Zeus, Atena, Métis e a possibilidade de gerar um novo masculino formam a constelação arquetípica da Alteridade, a nova consciência conciliadora de opostos, cuja essência é a transformação da competitividade combativa em cooperação produtiva.

Reconhece Afrodite e seu poder de unir novamente, de trazer de volta e dar continuidade ao ritmo, ao ir e vir, em busca da essência fertilizadora.

Isis, Shekiná, Métis, Inana, Deméter e Sophia dominam o conhecimento dos ritmos fundamentais, dos rituais transformadores da Libido que levam às ínfimas partes do Ser o alimento nutridor e a vida!

Ela é o silêncio engendrando alma, engendrando luz na matéria opaca. É a magia que reencanta o mundo, a certeza da renovação. É Ísis misturando os restos, a saliva de Rá, terra e areia em suas mãos, modelando a cobra, a sinuosidade estratégica que vence o absolutismo egoísta de Amon-Rá. Nesse ato, ela diviniza a feminilidade e seu poder de cura. Traz poder e dignidade para a multiplicidade da matéria.

Auxiliada pelos deuses Thot e Anúbis, Ísis realizou o penoso caminho para encontrar os 14 pedaços de Osíris, o corpo desmembrado por Seth, o usurpador do trono, a inveja dilacerante sempre sedenta de destruição. Reconstituir o corpo, mumificá-lo e sepultá-lo era a única forma para a alma ingressar na eternidade. Ao completarem este trabalho, obra de magia divina, Osíris voltou à vida e manifestou seu desejo de conceber um filho: "no meio das pernas do deus, foi surgindo, como por mágica, o pedaço essencial que faltava, enchendo a todos de espanto [...] Mas é de madeira!, disse Néftis. [...] Que fosse de papiro, disse Thot, aliviado." (Seganfredo, Franchini, 2006:104). Osíris deseja ter um filho!

Ísis deu a luz a Hórus, que foi protegido pela deusa e orientado por Osíris até estar forte o suficiente para enfrentar Seth e recuperar o trono que lhe pertencia. Hórus, o filho, foi o grande unificador do Egito.

Não há ambiguidade no imaginário egípcio, a valorização do tempo cíclico faz da cobra o símbolo da sabedoria vinda das profundezas. Não há valorização negativa das imagens noturnas, nem oposição entre Eros e Tanatos. Nos mistérios de Ísis, todas as horas do dia são celebradas e significadas; formam ritos de revelação dos mistérios. Ísis conhece os segredos cósmicos em cada partícula de matéria. O laço de Ísis, estilizado na forma base de Ankh, a chave da imortalidade, sintetiza o encontro do masculino com o feminino, a penetração no Templo de Ísis, o templo do Amor, útero criativo capaz de gerar nova vida.

Nas paredes de seu templo, na Ilha de Phillae, ao sul do Egito, encontra-se a imagem do Faraó com a chave Ankh, penetrando o útero da Deusa, a passagem para a imortalidade.

Ísis-Afrodite, Ísis-Ártemis e Ísis-Deméter cuidam da natureza em si e de seus frutos; protegendo-os e fortalecendo-os, garantem a continuidade da existência.

Despertar para Ísis e purificar-se num ritual matutino a Osíris, o primeiro a ver a luz do dia, é seguir compreendendo as forças que atuam na natureza, interligadas ao tempo e ao espaço, ao macrocosmo. As horas do dia e seu significado redentor

formavam os ritos de integração no tempo cíclico, um caminho que proporciona o desenvolvimento da personalidade plena, consciente da totalidade.

Em companhia da Senhora da Noite, não há trevas, não há abismo e terror da morte. Sem oposição não há depressão e sim contemplação dos ciclos renovadores. O medo esvai-se nos rituais de valorização do corpo, guardando sua luz para novos ciclos.

"L'ária è fresca quando spirano lê brezze dell'alba. Il cielo si illumina a est. Iside, dea della rosea aurora aspetta." (De Traci, 1997:XV).

"A poética noturna tolera as 'obscuras' claridades" (Durand, 2002:268).

No Regime Noturno da psique, a polêmica é menor em relação à preocupação diurna e solar da distinção. Nele, a quietude e a fruição das riquezas não são, de maneira nenhuma, agressivas, mas sonham com o bem estar antes de sonhar com as conquistas. O Herói Lunar não sonha com o retorno triunfal e definitivo sobre a morte; ele conhece os segredos do pequeno, a magia da miniaturização; ele experimenta o cíclico contido no microcosmo em sua relação com o macrocosmo.

Na solidez arquetípica, encontra-se a organização simbólica para a cura e a liberdade de recomeço que transcende o tempo.

Da Teoria para a prática, tem-se a sacralidade do espaço terapêutico como vaso alquímico, um espaço primordial, o útero do Tempo.

A natureza em si, anterior à palavra, conecta com a mãe natureza e ensina a tecer no vazio do abandono a própria teia da vida-morte-vida. O feminino espiritual acolhe a psique desmembrada, em perigo de dissociação, e alimenta-a com a certeza da regeneração no acolhimento da Grande Mãe e seu mito anti-esquizofrenizante, o qual vence heroicamente as forças da cisão e evita o ponto de ruptura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE TRACI, R. (1997) I Misteri de Iside. Milano: Sperling & Kupfer.

DURAND, G. (2002) As Estruturas Antropológicas do Imaginário. São Paulo: Martins Fontes.

ELIADE, M. (1992) Il Sacro e il Profano. Torino: Bollati Boringhieri.

NIETZSCHE, F. (2005) A Origem da Tragédia. São Paulo: Madras.

SEGANFREDO, C.; FRANCHINI, A. S. (2006) As Melhores Histórias da Mitologia Egípcia.

Porto Alegre: L&PM.